

Os serviços para crianças e jovens nas bibliotecas públicas portuguesas

Fernanda Eunice Figueiredo
Câmara Municipal de Palmela
Chefe de Divisão de Bibliotecas e Documentação

José António Calixto
Câmara Municipal de Setúbal
Chefe de Divisão de Bibliotecas Arquivo e Educação

RESUMO

Os autores apresentam o resultado de uma investigação realizada com o fim de fazer o ponto da situação relativamente aos serviços para crianças e jovens, uma das principais novidades introduzidas em Portugal pela Rede Nacional de Bibliotecas Públicas nos últimos dez anos.

É feita uma comparação com base em alguns documentos nacionais e internacionais que orientam as bibliotecas públicas no que diz respeito a estes sectores. São apresentadas as principais conclusões de um Inquérito feito por questionário às bibliotecas que integram a Rede sobre alguns aspectos cruciais dos serviços: espaços e documentação, pessoal, tecnologias de informação e actividades de promoção/animação. A partir destas conclusões são sugeridas algumas linhas de acção para o futuro destes serviços.

ABSTRACT

The main findings of a research that aimed at raising knowledge about the present situation of services for children in portuguese public libraries are presented. These services are known to be one of the main new developments brought about in Portugal by Public Libraries Network during the last ten years.

A comparison based in some national and international guidelines for these services is carried out. The main results of an inquiry to the public libraries in the network are discussed; this inquiry focused on crucial aspects of the services: areas and information resources, staff, information technology and promotion activities. From these conclusions the authors suggest some actions for for future developments.

1. Introdução

O desenvolvimento das bibliotecas públicas portuguesas nos últimos anos, decorrente do Programa Nacional para a criação de uma Rede Nacional de Bibliotecas Públicas lançado em 1987, contribuiu para que, também no nosso país, se desenvolvessem significativamente os serviços para crianças e jovens nas bibliotecas públicas.

O trabalho que apresentamos pretende, ainda que sumariamente, caracterizar a situação actual destes serviços, procurando avaliar de que modo a sua organização, gestão e actividade se coadunam com os objectivos e missões definidos para a biblioteca pública em geral, e particularmente com as orientações específicas que internacionalmente estão definidas para crianças e jovens.

Conhecer e avaliar a realidade é um passo decisivo para a melhoria dos serviços e um instrumento importante de sensibilização, quer dos profissionais quer dos poderes públicos responsáveis por uma intervenção neste sector, no sentido de um investimento contínuo e equitativo nos serviços para crianças e jovens. Este investimento corresponderá a um desenvolvimento dos serviços da biblioteca pública mas, muito mais que isso, contribuirá para um desenvolvimento mais harmonioso e qualitativo das crianças e jovens do nosso país. A existência e acção destes serviços é portanto, a nosso ver, de importância redobrada e requer de todos nós um olhar especial e abordagens interdisciplinares.

2. Metodologia

Foi feita uma revisão limitada da literatura existente, focando particularmente a nossa atenção nos documentos internacionais essenciais para este sector, nomeadamente **O Manifesto da Unesco para as Bibliotecas Públicas** e diversas linhas de orientação emanadas pela IFLA. Igualmente foi tida em atenção alguma bibliografia inglesa recentemente publicada (ELKINS, 1996). Desde logo constatamos a imensidade de textos e de investigação feita em outros países sobre este tema e a necessidade que temos de alargar e aprofundar os estudos portugueses sobre este assunto. No que diz respeito à produção teórica portuguesa sobre este assunto constata-se a sua enorme escassez, sendo praticamente limitada ao **Programa de apoio às bibliotecas públicas** emanado pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

Emitimos igualmente um questionário às bibliotecas da Rede Nacional das Bibliotecas Públicas então abertas. Este questionário procurava obter dados quantitativos sobre os espaços, os recursos humanos, os fundos documentais, o tratamento documental, as tecnologias de informação, as relações com as escolas e as actividades de promoção. Para além disto um número de perguntas abertas procurava obter a opinião dos bibliotecários sobre o modo como funcionam os serviços. Os resultados deste questionário são apresentados no capítulo 4 deste trabalho.

A metodologia adoptada reflecte os condicionalismos e os próprios objectivos da realização desta investigação. Limitações de tempo e de ordem financeira não nos permitiram avançar no sentido de uma investigação qualitativa que, estamos certos, nos traria informações muitos mais pormenorizadas e em profundidade.

Os autores estão assim conscientes das limitações dos dados obtidos e das conclusões apresentadas. Pretendem apenas dar um contributo ainda que limitado para o tão escasso conhecimento da realidade das nossas bibliotecas públicas, particularmente dos serviços para crianças. Igualmente gostariam de chamar a atenção para a necessidade de mais investigação sobre este assunto para o que devem ser disponibilizados os necessários meios financeiros.

3. O desenvolvimento da criança e a biblioteca pública

O desenvolvimento da criança resulta de complexas interacções de efeitos que resultam de factores de natureza externa à criança (o meio ambiente) e factores de natureza interna (como a hereditariedade e diferenças biológicas).

É este o contexto em que o desenvolvimento se dá, e torna-se necessário para melhor se entender o papel da biblioteca pública não perder de vista este universo, uma vez que uma boa compreensão do desenvolvimento da criança é não só importante para os pais, como para todos aqueles que trabalham com crianças, o que no caso concreto da biblioteca pública significa dizer que é importante para todos os técnicos destes serviços, que no seu quotidiano acompanham tão de perto o desenvolvimento emocional e intelectual de tantas crianças.

Assim, a acção dos serviços para crianças e jovens na biblioteca pública não deve ignorar as várias etapas do desenvolvimento da criança e os vários factores que influenciam esse desenvolvimento. A biblioteca pública desempenha um papel importante na socialização da criança, porque conjuntamente com outros factores influencia essa socialização.

Para as crianças mais pequenas, a família é o meio mais importante para o seu desenvolvimento, mas no decurso do seu crescimento os factores que mais influenciam a sua socialização são, além do lar, a escola, a cultura de grupo, os media e as instituições sociais, das quais a biblioteca faz parte.

Tendo como pressuposto que este é um papel fundamental da biblioteca pública, esta não pode ignorar na sua acção que as crianças são indivíduos complexos que vão crescendo num mundo em constante mudança e que a biblioteca pública, com os seus serviços específicos para crianças, tem de as acompanhar desde muito pequenas.

Promover a literacia e a leitura desde muito cedo é uma tarefa que a biblioteca pública deve assegurar aos seus utilizadores mais pequenos, contribuindo para que cada criança desenvolva todo o seu potencial e tenha consciência dessa riqueza, descobrindo um caminho de aprendizagem ao longo da vida. É disponibilizando o acesso a livros e outros materiais de aprendizagem, que a biblioteca desempenha na comunidade local um importante ponto de acesso indispensável ao desenvolvimento da criança.

Tal como o adulto, a criança é uma pessoa única. A biblioteca é, devido à sua organização e missão, um dos poucos espaços onde a criança é reconhecida não só como membro de um grupo, mas também como um indivíduo. Na biblioteca as crianças deverão encontrar respostas às suas necessidades informativas, culturais, educacionais e de lazer. A biblioteca pública, através dos seus serviços para crianças e jovens, cumprirá assim um dos seus papéis fundamentais para o desenvolvimento da criança: ser um instrumento para o desenvolvimento da literacia junto dos mais novos, e assim criar adultos leitores e utilizadores da biblioteca, consolidando uma imagem positiva da biblioteca na adolescência. O acesso desde muito cedo a histórias e livros é essencial para o desenvolvimento de pré-competências de leitura, contribuindo para que a criança venha a ser um bom leitor, estudante e um cidadão pleno.

A biblioteca deverá promover a leitura e ser o suporte e o garante de um acesso amplo, livre e igual a livros e outros materiais a todas as crianças, independentemente da sua idade, raça, sexo, condições físicas e intelectuais ou localidade onde vivem. Assim, a biblioteca contribuirá para o desenvolvimento das várias literacias que o novo milénio nos exige, isto é, o desenvolvimento de competências de leitura que incluem não só os livros mas também os media e as novas tecnologias.

4. Serviços para crianças e jovens em biblioteca públicas: orientações internacionais

Apesar do nosso país possuir um programa nacional para a criação e desenvolvimento de bibliotecas públicas, não podemos afirmar que existe um conjunto de normas específicas para aplicação nos serviços para crianças e jovens. O programa em vigor (1997) consagra a existência de um sector infanto-juvenil autónomo no seio das bibliotecas públicas portuguesas, fornecendo algumas orientações relativas à sua área, equipamento e variedade das colecções.

Este Programa estabelece o que define como "princípios gerais" e dedica pouco mais de uma página a este sector centrando a sua atenção quase exclusivamente nos espaços e sua utilização.

Na ausência de um corpo normativo pormenorizado que se aplique à nossa realidade, considerámos pertinente no âmbito deste trabalho, apresentar o enquadramento internacional que existe para os serviços para crianças e jovens, considerando que ele deverá ser orientador para nós em matéria de criação e melhoria dos actuais sectores infanto-juvenis das bibliotecas públicas.

A importância de nos reportarmos a estas orientações advém do facto da nossa experiência no terreno nos mostrar muitas vezes que, ao ignorarmos estas orientações, perdemos um tempo precioso em discussões estéreis sobre a diversidade de opiniões que tantas vezes justificam as opções de organização e gestão destes serviços. Como profissionais, não deveríamos deixar que as nossas opiniões orientassem os serviços, mas sim os conhecimentos técnico-científicos que caracterizam a intervenção de qualquer profissional.

A melhoria do nosso trabalho e da nossa qualificação profissional passa também por uma aprendizagem ao longo da vida, sobre as matérias novas com que vamos lidando e dos desafios que as mudanças que caracterizam o nosso tempo nos vão impondo. Aprender, estudar, divulgar, partilhar são atitudes indispensáveis aos profissionais da biblioteca pública e estarão na base, estamos conscientes disso, do desenvolvimento e consolidação da biblioteca pública em Portugal e dos serviços para crianças e jovens em particular.

Manifesto da UNESCO

O Manifesto da UNESCO, por todos partilhado, é um documento base e orientador do trabalho das bibliotecas públicas em geral, e conseqüentemente também das bibliotecas portuguesas.

Sendo um documento base do nosso trabalho, é um útil ponto de partida para melhor compreendermos o papel das bibliotecas para crianças e jovens.

Lê-se no Manifesto:

"A liberdade, a prosperidade e o progresso da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os seres humanos estiverem na posse das informações que lhes permitam exercer os seus direitos democráticos e ter um papel activo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.

A biblioteca pública é a porta de acesso ao conhecimento ..."

As missões-chave da biblioteca pública definem que a biblioteca deve:

"Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância";

"Apoiar a educação individual e a auto-formação, assim como a educação formal a todos os níveis";

"Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens";

"Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural das artes do espectáculo";

"Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática".

Linhas de orientação da IFLA

A IFLA (International Federation of Library Associations) produziu orientações específicas para as bibliotecas públicas, nas quais faz desde logo referência a um conjunto de aspectos que devem ser desenvolvidos pelas bibliotecas públicas, especialmente para o público infantil. Mas para além destas orientações, que constituem o enquadramento geral das bibliotecas públicas, a IFLA produziu outras orientações específicas nas quais desenvolve com maior profundidade alguns dos pontos referidos nas orientações gerais. Estes documentos são as "Linhas de orientação para as bibliotecas para crianças" (1991) e as "Linhas de orientação para os serviços da biblioteca para jovens adultos" (1997).

Relativamente às crianças, e reportando-nos às "Linhas de orientação para as bibliotecas públicas", refere-se que, no que respeita ao empréstimo e serviços de referência para crianças, a biblioteca pública deve disponibilizar do mesmo modo que para os adultos, serviços de empréstimo e de referência, tendo sempre em atenção que estes serviços devem ser sempre adaptados às necessidades específicas das crianças.

Este documento, possui ainda um capítulo denominado "actividades para crianças", no qual refere que todos os pontos do documento se aplicam a todos os grupos etários utilizadores da biblioteca, o que inclui as crianças, e considera importante destacar a necessidade de existir um "programa de actividades especificamente dirigido a crianças, encorajando-as a sentir que visitar a biblioteca é uma experiência agradável e interessante. (...) Um programa de actividades bem planeado, encoraja a utilização de livros e outros materiais da biblioteca, desenvolve os interesses que estes promovem, e complementam-nos através do envolvimento da criança em actividades criativas diversificadas".

Como afirmámos, estes aspectos são bem desenvolvidas nas Linhas de orientação para as Bibliotecas para Crianças (1991). Este documento define os objectivos das bibliotecas ou serviços para crianças, e apresenta um conjunto de orientações fundamentais para a criação e desenvolvimento destes serviços em bibliotecas públicas. Essas orientações abrangem os seguintes aspectos: pessoal, administração/gestão, relações públicas, recursos físicos, serviços técnicos, organização de programas para crianças, serviços de informação para crianças, leitores/utilizadores de serviços para crianças e colecções.

Tratando-se de um documento bastante vasto, procurámos apenas retirar dele nesta abordagem os aspectos mais significativos que se prendem com os objectivos gerais e específicos estabelecidos para os serviços para crianças em bibliotecas públicas.

Está consagrado neste documento que os objectivos das bibliotecas ou serviços para crianças "partem do estatuto alcançado pela criança neste século, denominado o 'século da criança'. A Declaração Universal dos Direitos da Criança de 1969 inclui dez direitos relacionados com a segurança e crescimento equilibrado da criança. Esta Declaração omite, contudo, o direito à cultura, embora mencione o direito à promoção educativa geral e a actividades de tempos livres. Um dos objectivos básicos das bibliotecas para crianças é oferecer cultura, quer esta seja apresentada na forma de texto, de imagem ou som".

Outros objectivos gerais são ainda estabelecidos:

- a biblioteca para crianças deverá ainda oferecer estímulos culturais e educativos de forma a permitir à criança tornar-se um adulto activo e espontâneo;
- a biblioteca deverá oferecer à criança a oportunidade de obter para seu próprio benefício a herança cultural na qual se baseia a história da humanidade (na forma de texto, imagem ou som);
- a biblioteca deverá estimular a criança a criar a sua própria cultura;
- a biblioteca deverá oferecer materiais que impulsionem o crescimento da criança para uma personalidade activa e criativa;
- a biblioteca deve actuar como memória colectiva da humanidade;
- a biblioteca trabalha com os pais porque são eles que influenciam as preferências culturais das crianças e a organização das actividades de tempos livres;
- deve ser dado ao serviço para crianças um estatuto adequado a ser considerado como parte do sistema bibliotecário global do país;

Como objectivos específicos, o documento define:

- bibliotecas que ofereçam materiais multimedia adequados e gratuitos devem estar à disposição de todas as crianças;
- o espaço físico oferecido deve ser confortável e o mais possível convidativo à leitura, tendo em conta o ambiente e a cultura existentes. A biblioteca deve ser um local agradável para ler, estimulando diversas actividades e ajudando a criança a desenvolver as suas capacidades pessoais;
- deve dispor de pessoal competente, tanto para trabalhar com as crianças como com as suas famílias;
- o pessoal deve seleccionar materiais de elevada qualidade. A quantidade de material disponível deve também responder a exigências cada vez maiores;
- a biblioteca deve manter uma ligação às escolas, aconselhando os educadores e complementando os programas educativos existentes.

Pretendemos ainda sublinhar alguns aspectos destas orientações que mais directamente se prendem com os pontos abordados pelo questionário que serviu de base à recolha de informação sobre os Serviços para Crianças e Jovens nas bibliotecas públicas portuguesas.

São eles os seguintes:

Recursos Humanos

- a secção infantil deve dispor de pessoal competente tanto para trabalhar com as crianças, como com as suas famílias;
- quando uma biblioteca cresce o suficiente a ponto de necessitar de mais do que um bibliotecário, o segundo bibliotecário deve ser um bibliotecário para crianças que, obviamente, deve ser capaz de trabalhar com utilizadores adultos;
- o pessoal da secção infantil é composto não só por bibliotecários mas também por pessoal administrativo, por auxiliares e, por vezes, por pessoal com especializações pedagógicas ou aptidões artísticas;
- desenvolver programas culturais excelentes para crianças implica recursos humanos;

Espaços

- os recursos físicos são uma necessidade básica. O planeamento e a organização dos espaços podem criar a diferença entre um lugar acolhedor e agradável para crianças e um lugar que não motive a sua utilização;
- os espaços devem ser funcionais, atractivos e flexíveis,
- a secção infantil deve possuir espaços próprios para a prestação de serviços aos utilizadores, a utilização de recursos e armazenamento de livros e outros materiais;
- devem possuir áreas para serviços técnicos e administrativos, assim como espaços que possibilitem uma utilização individual ou em grupo;
- as necessidades específicas dos deficientes e outros utilizadores com necessidades especiais devem

igualmente ser contempladas;

- a concretização de determinados programas e actividades exige áreas separadas das colecções e de outros serviços e funções, adequadamente equipadas e mobiladas, com as infra-estruturas necessárias à utilização de materiais e equipamento audiovisual;

Colecções

- as colecções devem corresponder ao mais recente desenvolvimento social, cultural e técnico da sociedade;
- devem incluir tanto documentos impressos como não impressos;
- a dimensão da colecção deverá ser proporcional ao número de crianças e jovens que vivem na área que a biblioteca serve; deverá possuir 2 unidades por criança ou jovem residente na área servida;
- devem assegurar-se os meios financeiros suficientes não apenas para o estabelecimento da colecção básica, mas igualmente para as necessárias substituições, renovações e actualizações de partes da colecção;
- tipo de documentos que devem estar à disposição de crianças e jovens: livros, revistas, imprensa diária e não diária, documentos audiovisuais e áudio, jogos, cartazes, pinturas, esculturas, software;

Tratamento documental

- normalmente todos os materiais deverão ser classificados segundo o mesmo sistema da secção de adultos, excepto no que respeita a alguns códigos simplificados para materiais específicos para crianças, por exemplo livros de imagens;
- catálogos: quer o sistema de catalogação da biblioteca seja ou não informatizado, as crianças deverão poder contar com os seguintes pontos de acesso: autor, título, assunto e classificação;
- se o catálogo é informatizado, os conteúdos dos ecrãs destinados a serem utilizados pelas crianças devem ser instalados com caracteres que permitam a sua fácil leitura pelas crianças;
- todos os documentos em livre acesso deverão estar organizados de acordo com a classificação usada e não pelo formato do livro, ou outro qualquer critério;
- é indispensável possuir um manual de procedimentos técnicos;

Tecnologias de informação

- na era da informação a biblioteca pode ser o centro de desenvolvimento permanente dos indivíduos que aprendem a enfrentar com êxito o seu ambiente em mudança; as fontes de informação incluem não só livros, mas também a ampla gama das novas tecnologias;
- as crianças devem poder pesquisar, ler, estudar, ver, ouvir e utilizar computadores nas bibliotecas;

Actividades

- devem dirigir a atenção das crianças para as bibliotecas e incentivá-las a visitarem-nas com frequência;
- devem apresentar a biblioteca às crianças, informá-las sobre a diversidade de matérias disponíveis e contribuir para a familiarização da criança com a biblioteca e os bibliotecários;
- devem informar as crianças como ter acesso aos fundos documentais e quais os requisitos para a sua utilização;
- devem fazer com que as crianças se familiarizem com aqueles que fazem os livros de modo a terem uma melhor percepção do seu trabalho e maneira de pensar;
- devem dar à criança oportunidade de falar livremente sobre os livros, de discutir as opiniões dos outros e de alargar os seus juízos, assim como aceitar e respeitar os pontos de vista e atitudes dos outros;

A IFLA dá também uma atenção especial aos jovens. As Linhas de orientação para serviços para jovens consideram que "cada biblioteca deve desenvolver serviços para jovens, considerando-os como serviços essenciais da biblioteca" e deverá fazê-lo também em cooperação com outras instituições.

Neste contexto são definidos os seguintes objectivos deste serviço:

- proporcionar a transição entre os serviços para crianças e os serviços para adultos;
- encorajar a aprendizagem ao longo da vida através da utilização das bibliotecas e da promoção da

leitura;

- motivar a leitura ao longo da vida para obter informação ou apenas por prazer;
- desenvolver competências que conduzam à literacia informativa;
- disponibilizar colecções e serviços para os jovens da comunidade, dando resposta a necessidades educativas, informativas, culturais e de lazer;

Referem ainda as orientações que "os jovens devem ser tratados com respeito, aceitação e boa vontade, de modo a perceberem que as suas escolhas podem ser diferentes daquilo que as bibliotecas tradicionalmente oferecem. Eles devem ser activamente envolvidos no planeamento, desenvolvimento e avaliação de recursos, serviços e programas".

5. Serviços para crianças e jovens nas bibliotecas públicas portuguesas : resultados de um inquérito

O questionário foi enviado para as 66 bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas abertas à altura da sua emissão. Obtivemos em tempo útil 33 respostas o que corresponde a uma taxa de respostas de exactamente 50%. Das respostas obtidas 19 correspondem a BM1, 11 a BM2 e 3 a BM3.

1. Os espaços

As áreas ocupadas pelos chamados "sectores infanto juvenis" variam muito de uma biblioteca para outra mesmo dentro de cada um dos tipos do programa. A mais pequena das BM1 tem 35 metros quadrados e a maior 170; nas BM2 essa variação é entre 80 e 400 metros quadrados e nas BM3 entre 100 e 400 metros quadrados. Consta-se assim que uma BM3 apresenta um Sector Infanto-Juvenil com uma área menor que o de uma BM1.

Sublinhe-se que, considerando o programa de 1989, de acordo com o qual estas bibliotecas foram construídas, estas áreas deveriam ser de 100, 217 e 325 metros quadrados respectivamente para as BM1, BM2 e BM3. Das 19 BM1 só 8 atingem o tamanho indicado pelo programa, das 11 BM2 só três atingem as áreas indicadas e das 3 BM3, duas cumprem a norma.

Não é de estranhar as opiniões dos bibliotecários sobre a suficiência ou insuficiência destes espaços. Não havendo ninguém que os ache grandes demais, 52% acham-nos pequenos para as necessidades, enquanto 48% os consideram suficientes. Exactamente as mesmas percentagens acham a localização má e razoável, não havendo quem a considere boa.



As respostas sugerem alguns problemas no que diz respeito à localização destes sectores. Por exemplo numa delas afirma-se que "O principal problema é ser cruzado por uma série de "passagens" que dão acesso a outros locais e serviços". Uma outra resposta no mesmo sentido: "Localiza-se no 1º andar o que implica a utilização de escadas e o movimento os utilizadores. As consequências são o ruído, perturbação nas outras salas e risco de acidentes." No entanto a localização é satisfatória num número significativo de respostas.

Parece haver preferência pela localização mais próxima da entrada, sendo difícil encontrar o equilíbrio entre a separação do Sector de Adultos para evitar ruídos e algum incómodo causado por estes utilizadores e, por outro lado, a necessidade de uma interligação que facilite a passagem e a evolução natural

resultante do crescimento dos utilizadores.

Duas respostas referem respectivamente: *“Mal: Afastamento da entrada principal. Bem: Ligação à secção de leitura geral”* e *“A localização à entrada da biblioteca é positiva”,* ou ainda *“Está muito perto da entrada do edifício (...). Comunica directamente com a sala de adultos e jovens adultos o que facilita a transição”*

2. Os recursos humanos

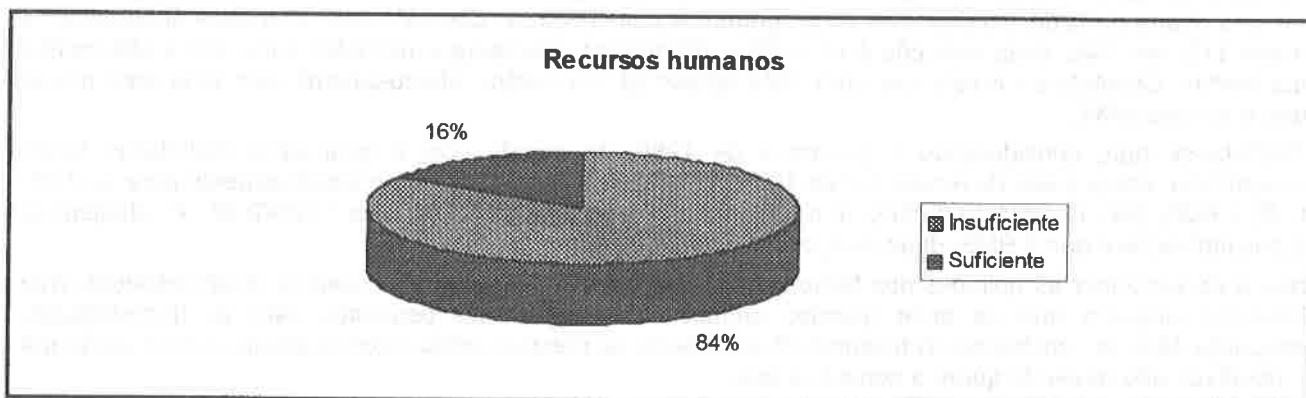
Os dados recolhidos são seguros na identificação de problemas resultantes da escassez de pessoal a trabalhar neste sector, para além de grandes carências em termos de formação especializada.

Oitenta e quatro por cento das respostas exprimem a opinião que o pessoal é insuficiente em termos de quantidade e qualidade, enquanto apenas 16% manifesta estar satisfeito com a situação.

Pedimos aos nossos inquiridos que, no caso de a resposta ser insuficiente, nos indicassem quais são os principais problemas daí resultantes.

As respostas, para além de reafirmarem uma grande falta de pessoal, apontam para as seguintes consequências: *“Falta de tempo para desenvolver iniciativas com os utilizadores”, “É muito difícil concretizar as actividades planeadas, por falta de pessoal”, “O trabalho sem estes elementos é bom mas há lacunas” “Dificuldade de atendimento nos dias de maior frequência e no desenvolvimento de actividades de animação”* e ainda *“O pessoal afecto a esta área desdobra-se noutras funções.”*

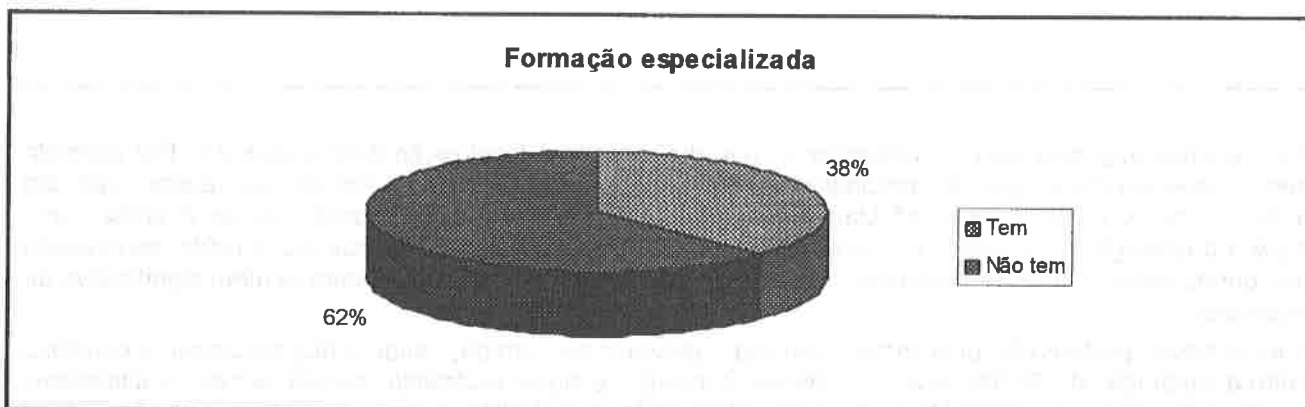
Duas das respostas apontam para a necessidade de haver um bibliotecário responsável por este sector.



Estas opiniões são compreensíveis se tivermos em atenção os dados a seguir referidos.

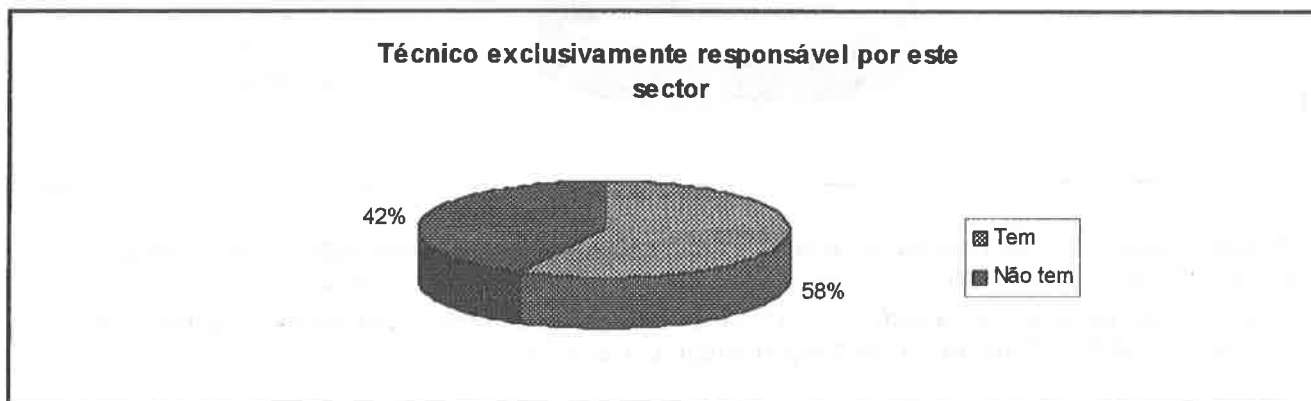
De facto 16% das respostas indicam não ter pessoal a tempo inteiro afecto a este sector. No entanto todos estes têm pelo menos duas pessoas a tempo parcial. A maioria, 43%, tem um técnico a tempo inteiro, 22% têm duas pessoas a tempo inteiro, 13% têm três pessoas e 6% conseguem ter quatro pessoas a tempo inteiro neste sector.

Para além da quantidade, os dados recolhidos sugerem claramente a necessidade de investir na formação especializada de recursos humanos. De facto 62% das respostas informam que os técnicos em serviço no Sector Infante-Juvenil não têm formação especializada para o trabalho com crianças e jovens.

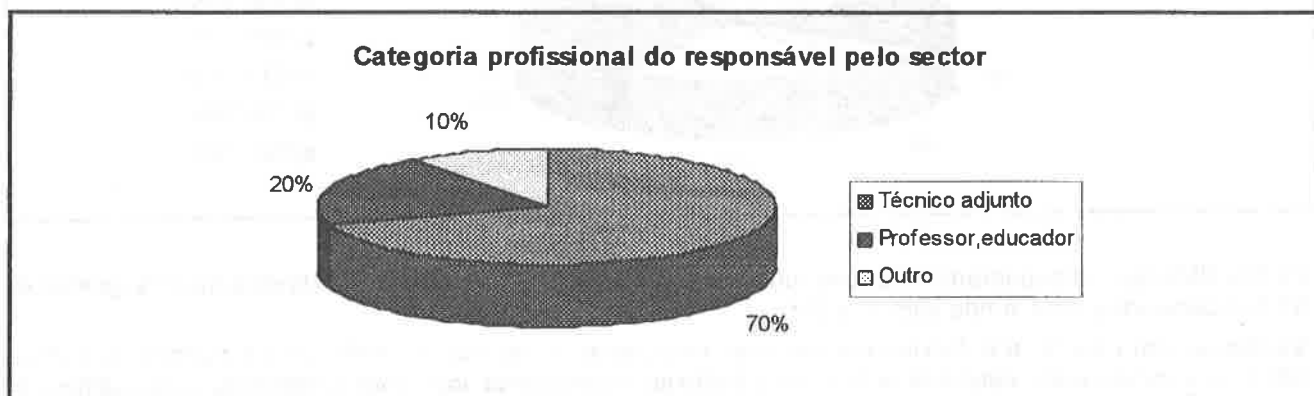


O que as respostas consideram formação especializada para este trabalho é maioritariamente constituída por cursos de educador(a) de infância e ainda "acções de formação nas áreas da animação e promoção da leitura junto de crianças e jovens" e em "técnicas relativas às áreas das expressões.

Quanto à organização e gestão deste Sector, 58% indicam ter um técnico exclusivamente responsável por este Sector, enquanto 42% afirmam não ter esse técnico.



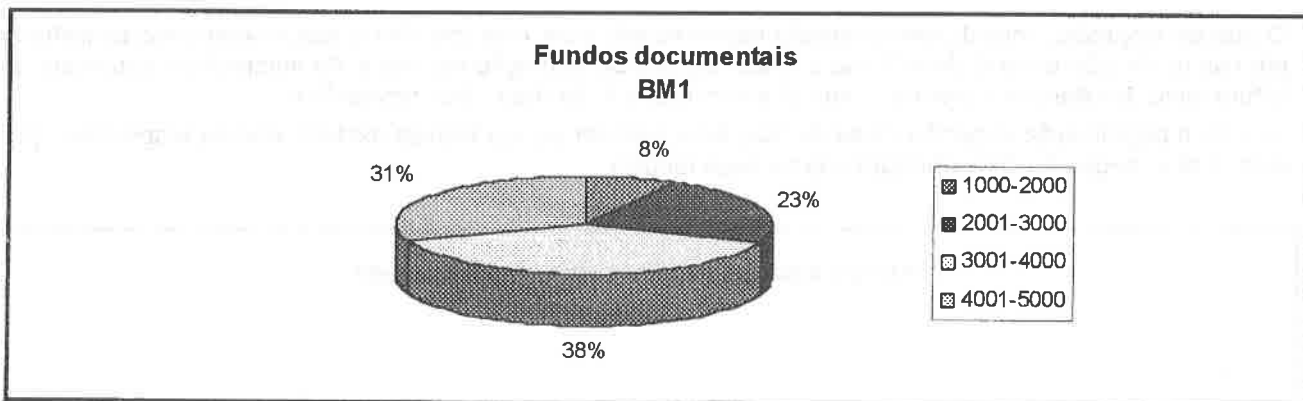
A categoria profissional deste responsável é maioritariamente (66%) a de técnicos-adjuntos de biblioteca e documentação, 19% são professores ou educadores de infância. Outras categorias profissionais são auxiliar administrativo e técnico-adjunto de museologia.



3. Os fundos documentais

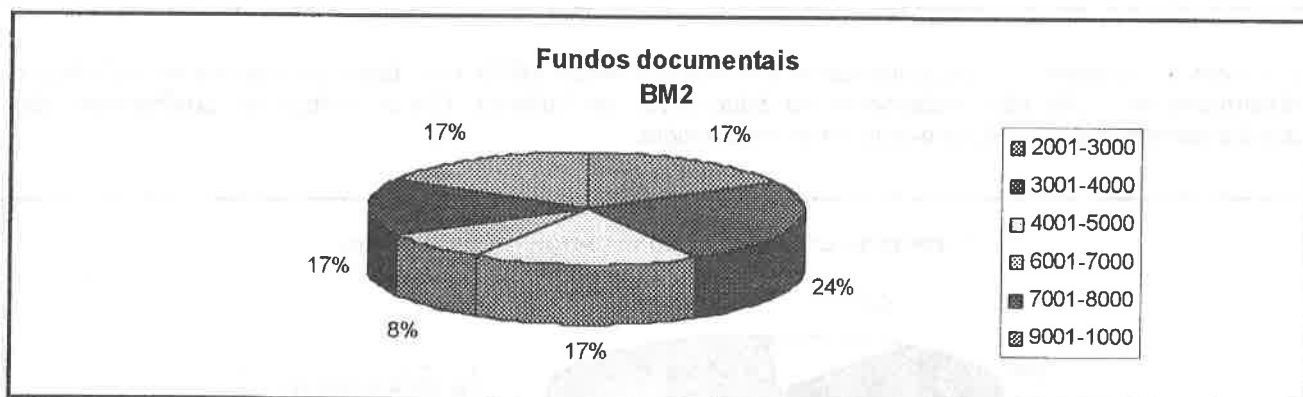
Para analisar os recursos de informação torna-se necessário fazer um distinção entre os três tipos de bibliotecas, uma vez que a quantidade de documentos está muito directamente relacionada com isto.

Assim entre as BM1 que responderam ao inquérito, 8% indicam um fundo documental entre 1001 e 2000 documentos, 23% têm entre 2001 e 3000, 38% entre 3001 e 4000 e 31% entre 4001 e 5000. Comparando estas percentagens com os números propostos no Programa do IPLB para o fundo inicial (4000 documentos), constata-se que perto de 70% das bibliotecas que responderam ao inquérito ainda não atingiram esse fundo inicial alguns anos depois de terem aberto ao público.



Quanto às BM2, 17% indicam ter entre 2001 e 3000 documentos, 24% entre 3001 a 4000, 17% entre 4001 a 5000, 8% entre 6001 e 7000, 17% entre 7001 e 8000, e 17% entre 9001 e 10000.

Como se pode verificar a variedade é muito grande mas genericamente ficam aquém (nalguns casos muito aquém) dos 9.000 documentos propostos pelo programa do IPLB.



As três BM3 que responderam indicaram fundos neste sector de 4700, 6945 e 20000 documentos quando o IPLB recomenda para o fundo inicial 11.000.

Verifica-se em relação aos fundos documentais uma situação idêntica à verificada em relação às áreas, isto é, não resulta uma relação directa entre a tipologia da biblioteca, logo entre o tamanho do concelho e a quantidade dos fundos relativos ao Sector Infanto-Juvenil. Esta ideia é reforçada por uma análise da percentagem dos fundos deste sector em relação à totalidade dos fundos da biblioteca.

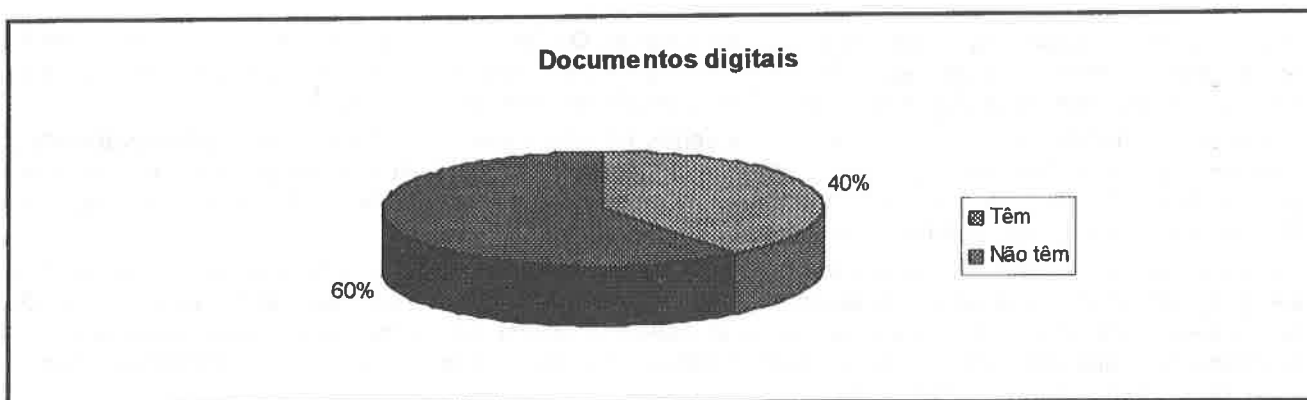
A maioria das bibliotecas (38%) indica uma percentagem entre 31% e 40% do fundo total, enquanto 31% referem entre 21% e 30%. No entanto a percentagem é bem menor em 19% dos respondentes que indicam que os fundos deste sector são entre 11% e 20% dos fundos. Doze por cento das bibliotecas apresentam fundos neste Sector inferiores a 10% do total dos fundos da biblioteca.

Para identificar as razões destas disparidades - tanto no que diz respeito às áreas como aos fundos - tornar-se-ia necessário um estudo mais aprofundado que não cabe dentro dos nossos objectivos nem das nossas disponibilidades. Uma possibilidade é que elas correspondam à estrutura etária dos concelhos e então estaríamos perante uma política deliberada em termos de aquisições que também se reflectiria na arquitectura.

Uma característica comum a quase todas as bibliotecas é que a esmagadora maioria dos fundos é constituída por **monografias**. Só três bibliotecas apresentam uma percentagem de monografias inferior a 95% e 5 bibliotecas só têm mesmo monografias.

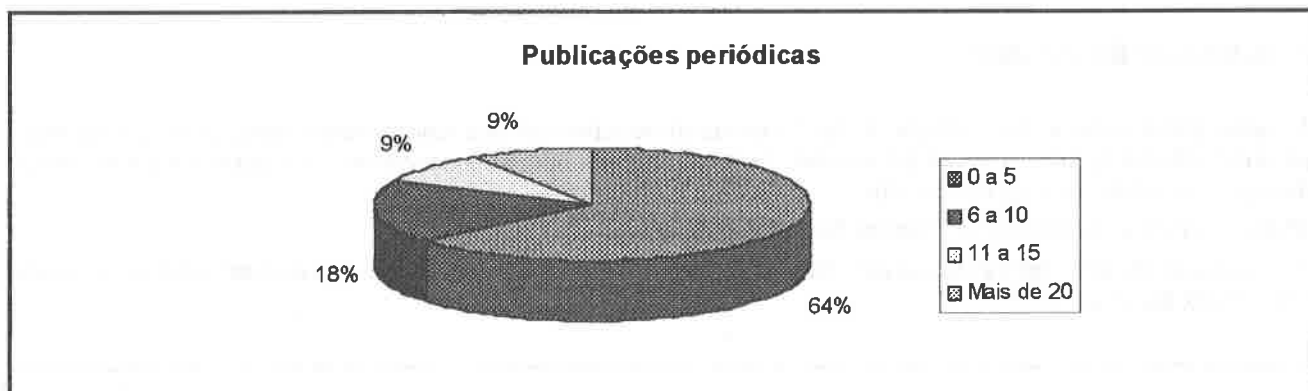
Para além das monografias só **os documentos audiovisuais** têm algum significado dentro das percentagens acima mencionadas e constituem a quase totalidade dos documentos não impressos.

O suporte digital está ainda muito afastado dos sectores infanto-juvenis das nossas bibliotecas. Das respostas obtidas, 60% das bibliotecas indicam não ter ainda qualquer documento neste suporte.

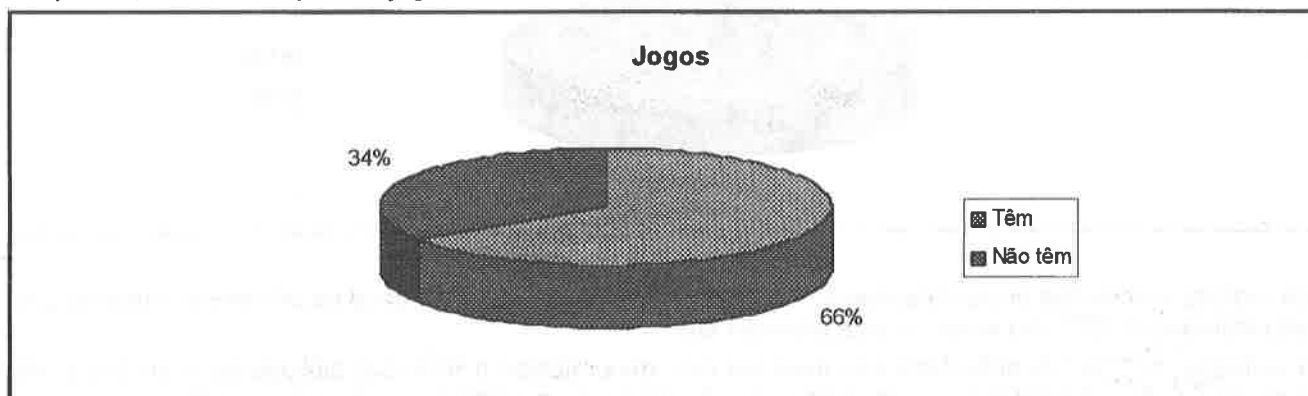


Os números indicam ainda que a esmagadora maioria destes documentos em suporte digital são jogos. Sem tirar o mérito ao carácter lúdico e pedagógico dos jogos informáticos, convém sublinhar a existência de cada vez mais informação em suporte digital e sugerir a necessidade de disponibilizar esta informação nos sectores infanto-juvenis, sobretudo se tivermos em atenção as características da sociedade da informação.

As **publicações periódicas** especialmente destinadas a crianças e jovens são outra componente dos fundos documentais que apresentam grandes disparidades de biblioteca para biblioteca. Um número relativamente elevado (10 em 33) não respondeu a esta pergunta, o que não pode deixar de ser tomado em atenção. Dos 22 que responderam, 64% indica um número de títulos inferior a 5, e 18% tem entre 6 e 10 títulos. Só 3 bibliotecas apresentam números relativamente elevados: 28, 29 e 30 títulos. Neste capítulo parece-nos que deverá ser tida em atenção a escassa produção editorial de títulos de periódicos para crianças e jovens em Portugal.



Uma maioria muito significativa disponibiliza **jogos** para os seus utilizadores mais pequenos. Das 32 respostas, 66% afirma possuir jogos na biblioteca.

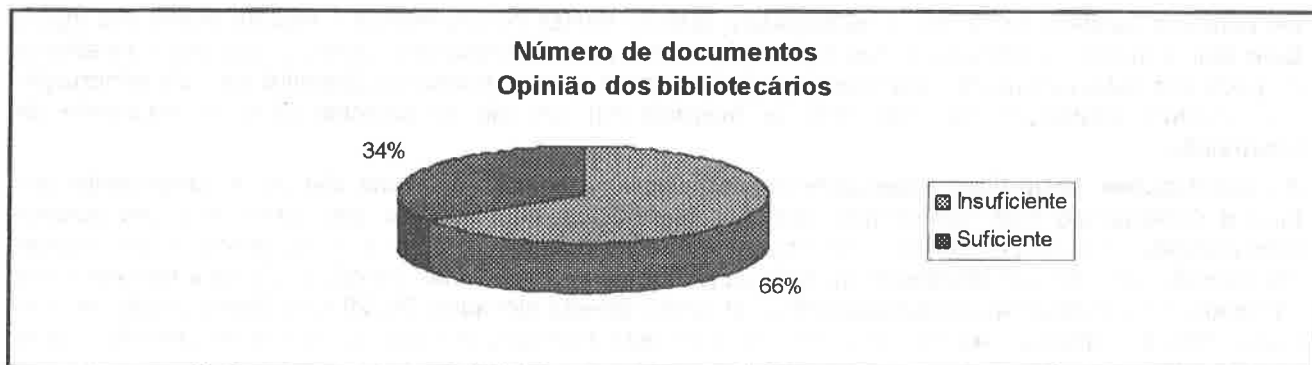


O reduzido número de respostas, 47%, à questão que pretende levantar informação sobre a quantidade de jogos pode indiciar alguma dificuldade em controlar estes materiais. Das respostas obtidas pode concluir-se

que o número de jogos disponibilizados é muito reduzido. De facto, 12% das bibliotecas têm menos de 10 jogos, 24% tem entre 11 e 20 jogos, 24% têm entre 21 e 30 e 18% entre 31 e 40. Em contraponto a esta situação há uma biblioteca que disponibiliza 300 jogos aos seus pequenos utilizadores.

O número de bibliotecas que disponibiliza brinquedos é muito menor. Só 8 respondem afirmativamente a esta questão o que corresponde a uma percentagem de 25%. A quantidade de brinquedos em cada uma delas é também reduzido, situando-se entre um mínimo de 8 e um máximo de 20. Mais uma vez uma biblioteca destaca-se neste campo com 94 brinquedos.

Um aspecto crucial para que uma biblioteca cumpra cabalmente a sua função é o que diz respeito à adequação do número de documentos em relação à população servida, condição básica para a prestação de um serviço de qualidade. A este respeito é eloquente a opinião dos responsáveis pelas bibliotecas que responderam maioritariamente, 66%, pela insuficiência dos fundos, tendo 34% respondido que a quantidade de documentos é suficiente.

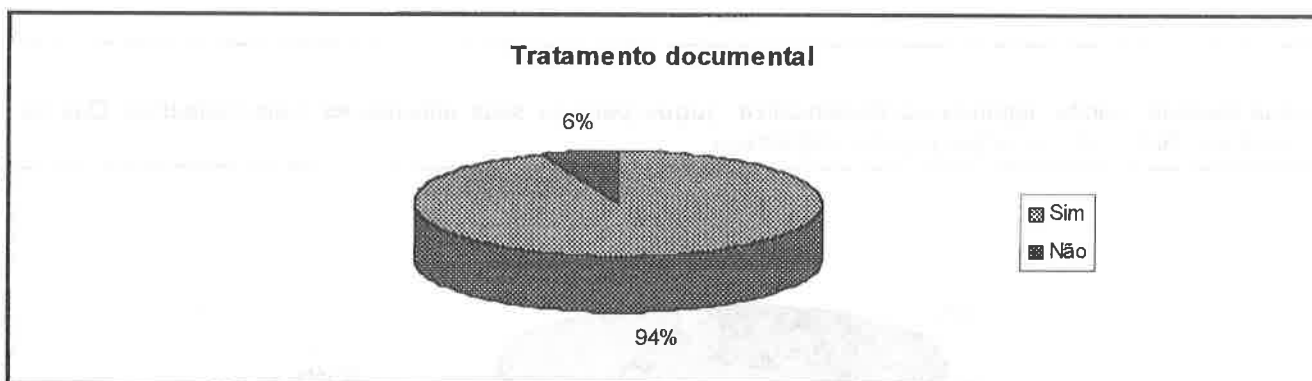


4. Tratamento documental

A esmagadora maioria das bibliotecas faz tratamento documental dos fundos deste sector. De 33 respostas só duas informam não fazer este trabalho. Pelo seu significado transcrevemos as respostas justificativas dos que responderam negativamente:

"É feito registo e classificação. Não se faz catalogação por falta de tempo"

"Por critério do anterior responsável. Tão logo haja disponibilidade de pessoal proceder-se-á ao referido tratamento documental"



Os registos resultantes desta catalogação integram geralmente o catálogo geral da biblioteca. Entre os que responderam só 12% não adoptam este procedimento.

A utilização da Classificação Decimal Universal está generalizada a 91% das bibliotecas, e só três entre elas não o fazem. A justificação para duas delas não deixa de ser interessante e motivo de reflexão:

"Não foi utilizada a CDU por imposição do responsável no arranque da biblioteca, Está organizada por editores e dentro destes, por sectores: Obras de referência, romances, BD, obras instrutivas ."

"A CDU foi considerada de difícil compreensão pelos leitores mais jovens. Optou-se por uma cotação em

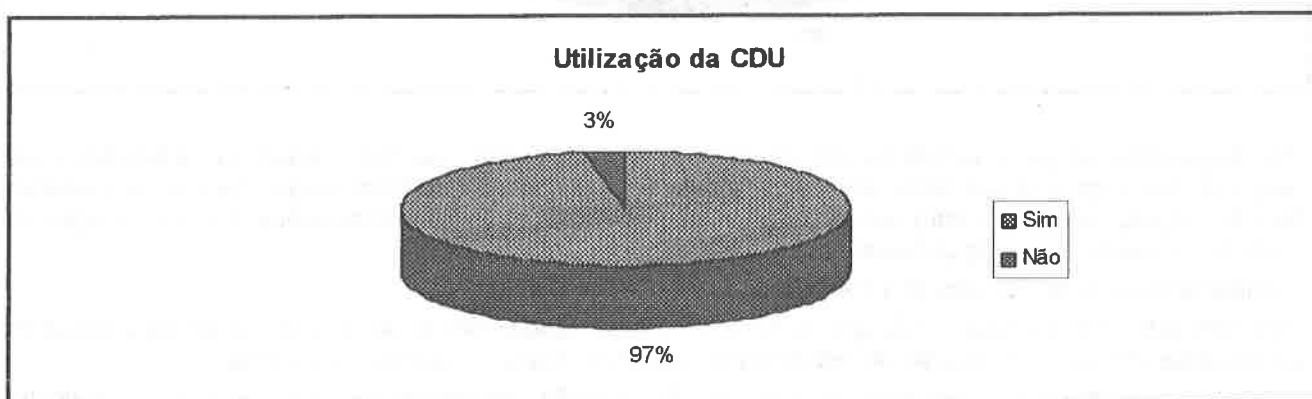
que os livros são arrumados por níveis etários a exemplo da cotação usada pela Fundação Gulbenkian.”

A opinião generalizada sobre a utilização da CDU é positiva, sendo a justificação mais generalizada a coerência e a continuidade para o Sector de Adultos. Algumas bibliotecas fazem adaptação à faixa etária e em muitos casos ela é utilizada numa versão menos específica.

“Apesar de todos os defeitos e imperfeições a CDU parece-me a menos má. Por outro lado penso que enquanto biblioteca de uma Rede Pública devemos procurar ter sistemas de classificação iguais ou idênticos.”

“Facilita às crianças e jovens a transição para a secção de adultos. Possibilita uma uniformização do tratamento técnico documental. Facilita as estatísticas e está de acordo com as orientações internacionais para estes serviços”

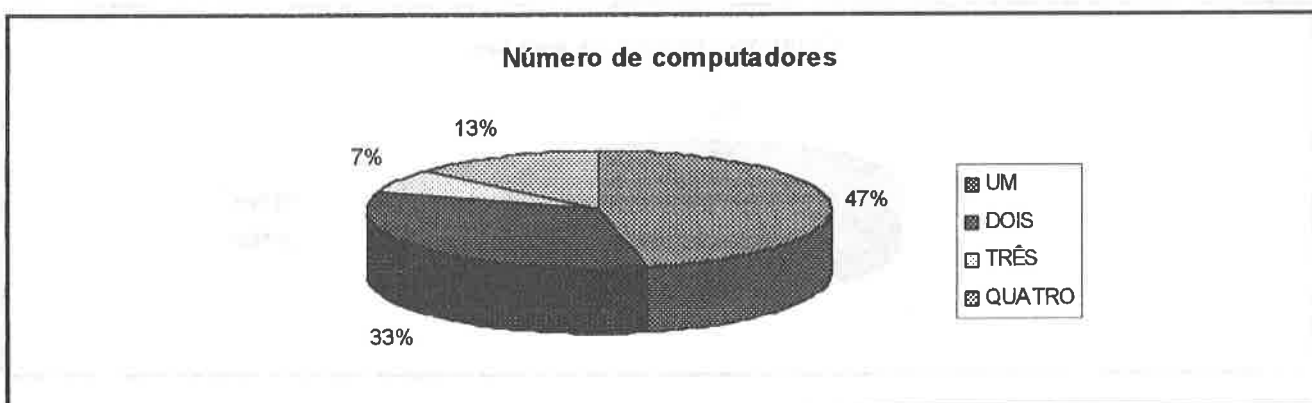
“Utilizamos a CDU de uma forma simples e abreviada. É importante orientar os jovens e as crianças na busca dos assuntos. Quando necessitarem de ir à sala de adultos já estarão habituados.”



5. Tecnologias de Informação

As Tecnologias de Informação invadem cada vez mais o dia a dia das bibliotecas. Para além das funções tradicionais de tratamento documental e OPAC surgem diariamente documentos em suporte digital e o acesso à Internet generaliza-se. Torna-se assim importante avaliar a capacidade instalada e a sua utilização uma vez que crianças e jovens são normalmente muito interessados nas tecnologias.

Ligeiramente menos de metade das bibliotecas que responderam, 48%, afirma ter computadores na Secção Infanto-Juvenil. É importante, no entanto, saber quantos e que tipo de computadores são utilizados e que utilização deles é feita.

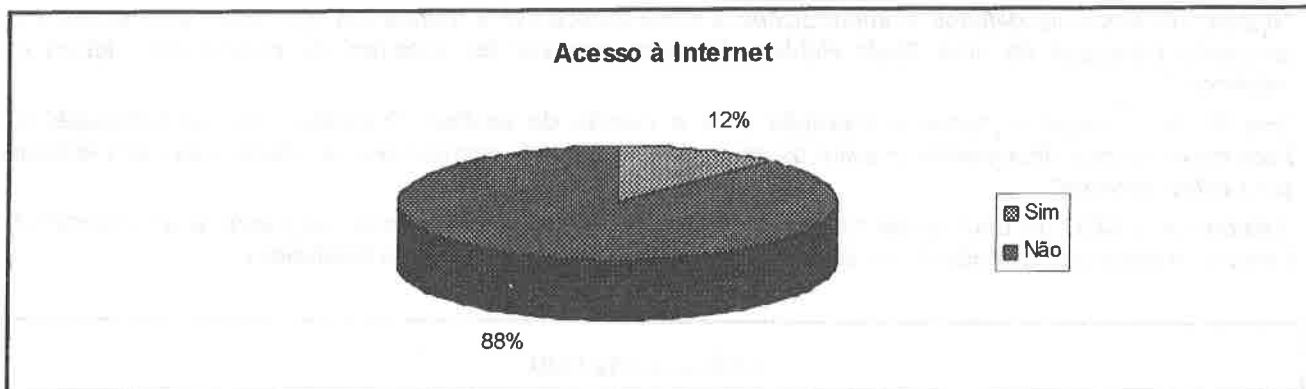


Relativamente à quantidade, 47% das bibliotecas informam ter apenas 1 computador na secção, 33% têm dois computadores, 7% tem 3 e 13% tem 4.

Das 15 bibliotecas que indicam ter computadores neste sector, 6 não os disponibilizam para o público reservando-os para utilização interna do pessoal. A tendência é para que as bibliotecas só com um computador o utilizem exclusivamente para uso do pessoal. As mais bem equipadas são obviamente mais

generosas com o seu público. Só uma resposta indica uma utilização mista.

Uma situação preocupante é a que resulta do reduzido número de **acessos à Internet** neste sector. Só 4 bibliotecas o disponibilizam, o que dá a percentagem baixíssima de 12%.



Tão importante como a existência da informática é a utilização que dela fazem os utilizadores. As respostas sugerem uma utilização generalizada para fins lúdicos, especialmente jogos, havendo no entanto também alguma utilização para processamento de texto e formação em informática. Algumas respostas mais significativas são a seguir transcritas:

"Formação na área de introdução à informática e actividades lúdicas"

"Consulta informativa e lazer. Utilização pelos alunos das escolas com os seus professores para trabalhos de pesquisa. Permite a realização de um atelier de informática para os alunos das escolas."

"Elaboração de trabalhos, pesquisa na Internet, digitalização, impressão de textos e jogos quando há disponibilidade"

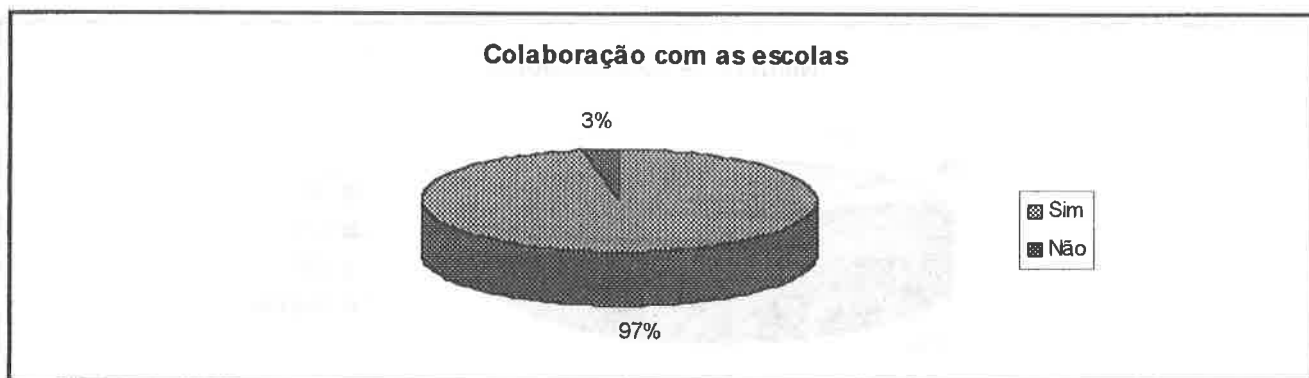
"Essencialmente recreativa. Informação baseada na observação directa e não em algum estudo efectuado"

"Jogos e trabalho de processamento de texto"

"Consulta do catálogo, Leitura de CDROM, acesso à Internet"

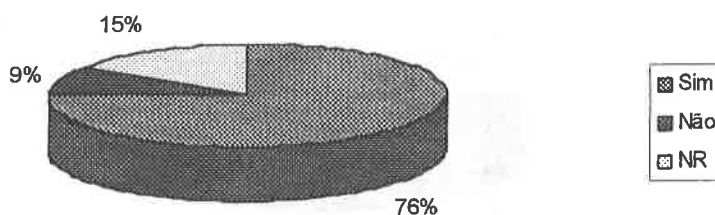
6. Relações com as escolas

A esmagadora maioria das bibliotecas tem um programa de colaboração com as escolas. De facto, do total de respostas obtidas, apenas 3% responde negativamente a esta questão. Os restantes 97% informam ter este programa.



Das 32 bibliotecas que têm um programa de colaboração com as escolas, 76% informaram que esse programa inclui o apoio às bibliotecas escolares, 9% responderam negativamente, e 15% não responderam.

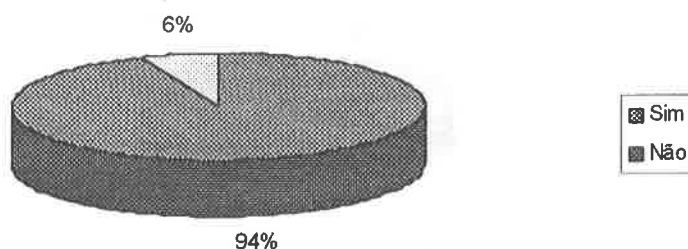
Apoio às bibliotecas escolares



Os projectos pedagógicos comuns com as escolas mereceram resposta afirmativa de 47% das bibliotecas enquanto 31% responderam negativamente e 22% não responderam.

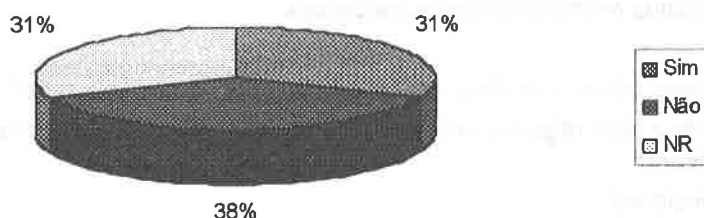
A esmagadora maioria das bibliotecas, 94%, desenvolve actividades de animação especialmente dirigidas às escolas. Seis por cento das bibliotecas não responderam a esta questão.

Animação especialmente dirigida às escolas



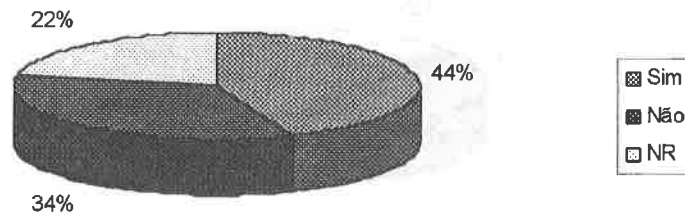
A formação de professores não merece uma prática tão comum. Só 31% das bibliotecas afirmam fazer esta formação, enquanto 38% informaram que não a fazem. Também a percentagem de não respostas é relativamente elevada: 31% não responde a esta questão.

Formação de professores



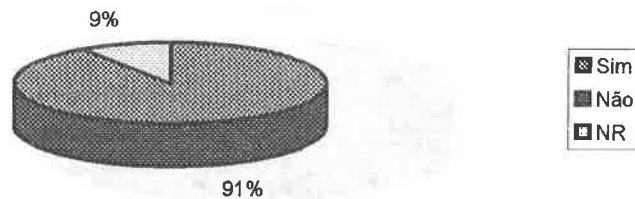
Os espaços especiais para estudo e trabalho de casa são proporcionados por 44% das bibliotecas. Trinta e quatro por cento não disponibilizam estes espaços, enquanto 22% não responderam à pergunta.

Espaços para estudo e trabalhos de casa



Uma grande maioria das bibliotecas oferece condições especiais de empréstimo para turmas ou grupos. Com efeito, não obtivemos qualquer resposta negativa tendo 91% das bibliotecas informado ter estas condições.

Condições especiais de empréstimo para turmas ou grupos



As caixas com livros temporariamente emprestadas às escolas são um serviço prestado por 53% das bibliotecas, indicando os dados obtidos que 31% não presta este serviço e 16% não responde a esta questão.

Outras formas de colaboração com as escolas - inicialmente não sugeridas pelo questionário - foram espontaneamente identificadas por algumas bibliotecas. Elas incluem:

"A biblioteca possui um boletim do Sector Infante-Juvenil que conta com a colaboração regular dos alunos das escolas"

"Colaboração no Dia Mundial da Criança"

"Empréstimo às escolas de documentos audiovisuais"

"Oferta de livros"

"Projecto Infância com infantários. Projecto teatro - escola - teatro em 1998"

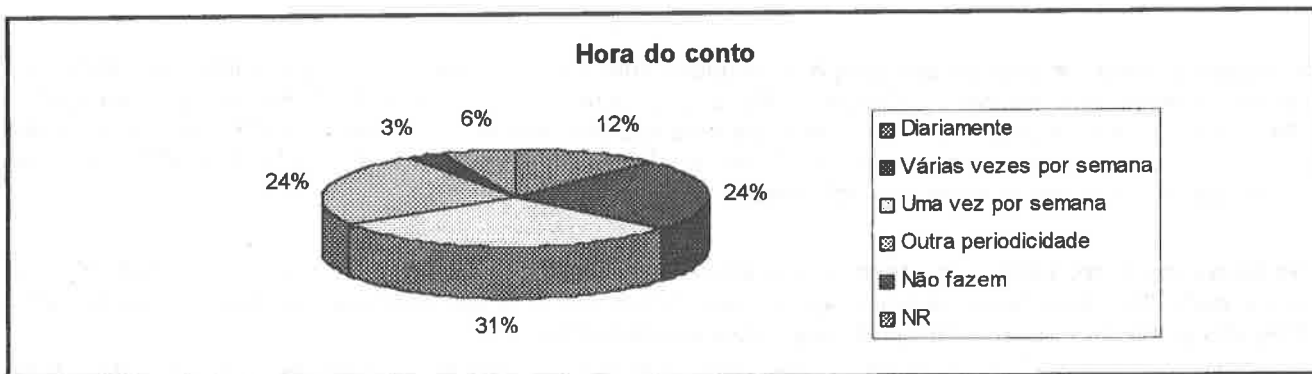
"Estabelecimento de visitas regulares com programa formativo próprio (introdução à BM e exibição de vídeo de promoção da leitura)"

"Itinerância de exposições"

"Protocolos de colaboração"

7. Actividades de promoção

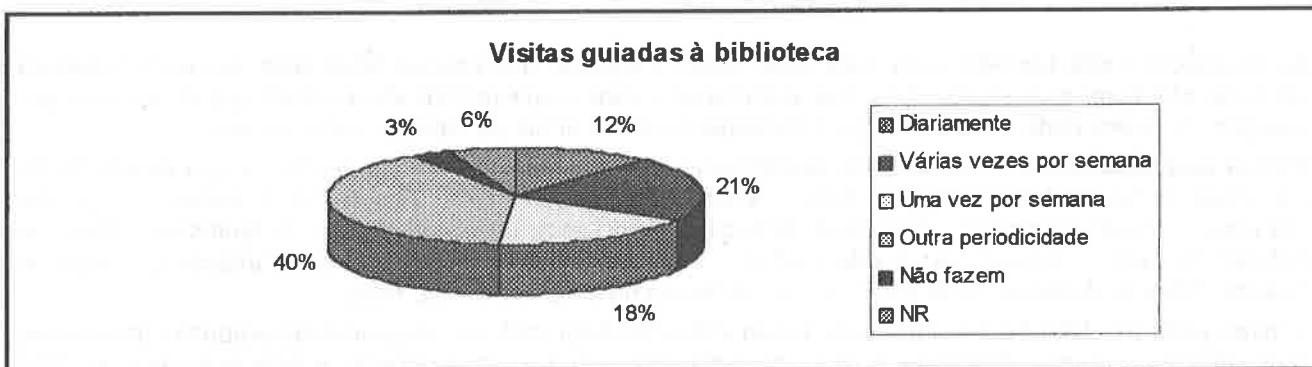
A **hora do conto** é uma das actividades de promoção mais frequentemente desenvolvida nas bibliotecas públicas portuguesas. Só 3% das bibliotecas afirma não fazer esta actividade. Quanto à periodicidade desta actividade, os dados indicam que ela ocorre pelo menos uma vez por semana, sendo esta a periodicidade mais frequente, referida em 31% das respostas. Vinte e quatro por cento realiza a hora do conto várias vezes por semana e 12% faz esta actividade todos os dias.



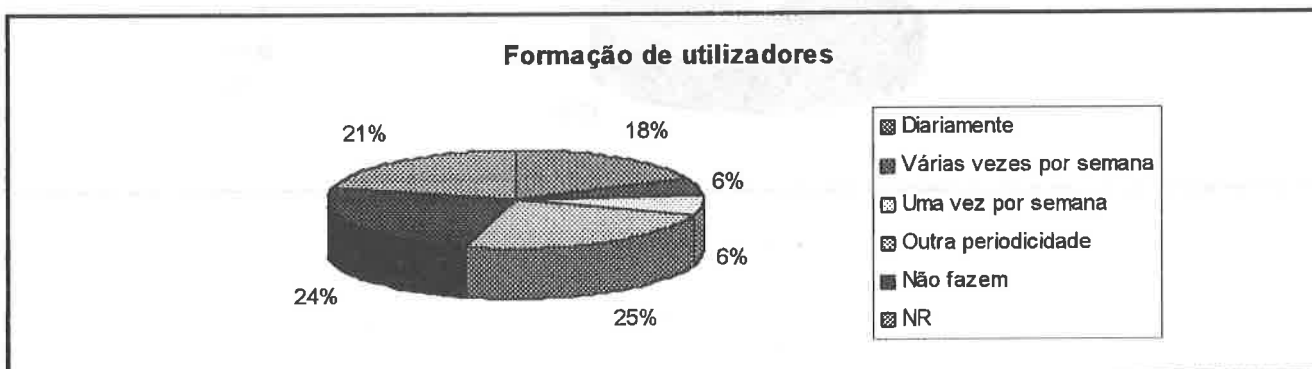
As **oficinas de expressão** são igualmente comuns à maioria das nossas bibliotecas, apesar de 24% terem afirmado não realizar esta actividade. Relativamente à periodicidade com que se realiza esta actividade nas bibliotecas, 6% indicam realizá-la diariamente, 18% várias vezes por semana e 12% uma vez por semana. Outra periodicidade não especificada é indicada por 31% das bibliotecas.

A actividade **encontros com escritores** é realizada por 88% das bibliotecas que responderam, embora a periodicidade com que o fazem varie muito entre um encontro mensal até um encontro por ano. Dada a escassez das respostas sobre este assunto não é possível definir uma tendência para uma periodicidade tipo.

Só uma bibliotecas informou que não faz **visitas guiadas à biblioteca**. Na verdade mais de metade faz esta actividade pelo menos uma vez por semana, 12% fazem-no diariamente, 21% várias vezes por semana, e 18% uma vez por semana. Outra periodicidade não especificada é referida por 40% das bibliotecas.



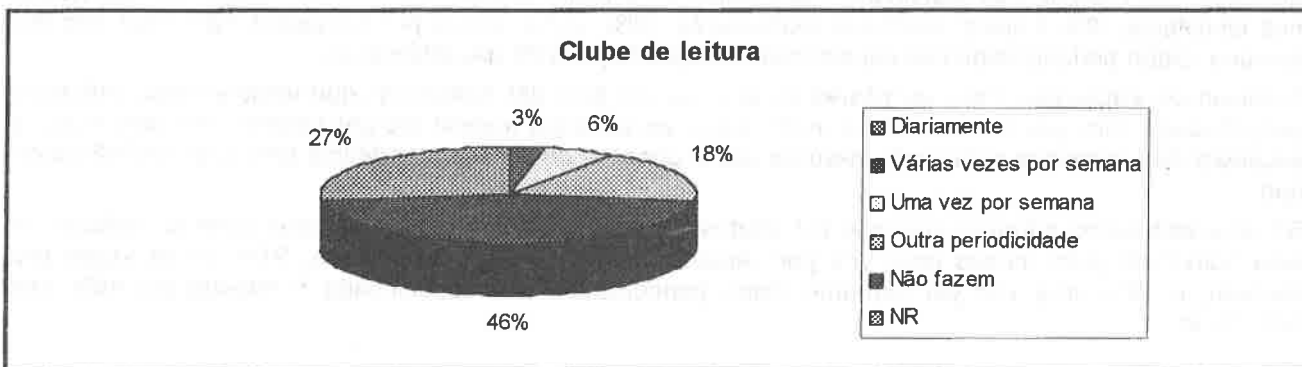
Um número muito considerável das respostas obtidas, 24%, informa **não fazer formação de utilizadores**. Se considerarmos que 21% não responderam a esta questão teremos quase metade das respostas nestas duas categorias. Relativamente à periodicidade, 18% afirmam fazer esta actividade diariamente, 25% fazem-no com outra periodicidade não especificada. Seis por cento afirmam respectivamente que o fazem várias vezes por semana e uma vez por semana.



O **visionamento de vídeos em grupo** é também uma das actividades mais frequentes nos Sectores Infanto-Juvenis das nossas bibliotecas. Nove por cento das bibliotecas realizam esta actividade diariamente, e a mesma percentagem realiza-a uma vez por semana, enquanto 34% o fazem várias vezes por semana. O número que refere outra periodicidade não especificada é igualmente 34%. Só uma biblioteca informou não realizar esta actividade.

As **feiras do livro**, pelas suas próprias características, têm obviamente outro tipo de periodicidade, na maior parte dos casos anual. A informação obtida indica que 58% das bibliotecas realizam feiras do livro, 21% não as fazem e igual número não respondeu a esta questão.

Os **clubes de leitura** são ainda pouco frequentes nas nossas bibliotecas públicas. Das respostas, 46% informaram não realizar esta actividade enquanto 27% não responderam a esta questão. Dezoito por cento das bibliotecas fazem clubes de leitura com uma periodicidade que varia entre várias vezes por semana, 2 ou 3 vezes por ano e uma uma vez por ano.



As **exposições** são também uma actividade muito frequente nas nossas bibliotecas. Só uma biblioteca informou não fazer exposições. Dos que informaram sobre a sua periodicidade conclui-se igualmente por uma grande diversidade, desde uma periodicidade mensal a anual ou "sempre que possível".

Outras actividades foram igualmente identificadas por algumas bibliotecas dentro do seu programa de promoção do Sector Infanto-Juvenil. Elas incluem: "Oficina de escrita", "Programas radiofónicos", "Pólos nas praias", "Teatros infantis", "Teatros de fantoches", "Encontros diversos", "Teatro de fantoches", "Hora de Leitura", "Debates", "Jogos", "Animação do livro e da leitura", "Teatro de fantoches", "Concursos", "Ciclos de cinema", "Postos de leitura ao ar livre", "Posto de leitura no hospital", e "Dia Feliz".

A maior parte das bibliotecas que responderam indica produzir materiais de promoção próprios dos serviços para crianças e jovens. Sessenta e sete por cento respondeu afirmativamente a esta questão e só 27% afirmam não os ter. Seis por cento das bibliotecas não responderam a esta questão.



Conclusões

A análise da literatura consultada e a sua confrontação com os dados recolhidos permite caracterizar com um mínimo de segurança a situação actual dos serviços para crianças e jovens nas bibliotecas públicas portuguesas, embora ainda haja muito que investigar para obter um conhecimento mais alargado e em profundidade das suas verdadeiras implicações e do significado real para os seus utilizadores.

As conclusões a que podemos chegar com este trabalho são necessariamente provisórias e parcelares mas indiciam sem dúvida algumas situações dominantes nos serviços e actividades dos sectores para crianças e jovens e identificam certos problemas que consideramos necessitarem de uma intervenção dos profissionais do sector.

Uma das conclusões mais evidentes resulta da comparação das orientações internacionais com o Programa de Apoio às Bibliotecas Públicas do IPLB, o qual consideramos desenvolver de um modo insuficiente os aspectos relacionados com a criação, organização e dinamização destes serviços.

Relativamente aos dados obtidos com o questionário procurámos sempre que possível estabelecer uma relação com os princípios orientadores referidos no programa nacional. Uma primeira conclusão é que em termos gerais estes são cumpridos, havendo algumas discrepâncias significativas no que se refere ao cumprimento dos requisitos em termos de áreas, pessoal e dimensão das colecções.

Apresentamos seguidamente algumas conclusões relativamente a cada um dos itens que intergravam o levantamento feito.

A maioria dos bibliotecários considera os espaços insuficientes e com alguns problemas de localização relativamente ao conjunto da biblioteca. Além disso verificam-se algumas diferenças no cumprimento das áreas de acordo com as tipologias das bibliotecas. Sublinhe-se que a última versão do Programa, de 1997, revê as áreas aumentado-as significativamente. Assim, a área dos serviços para crianças passa, nas BM1 de 100 m² para 130 m², nas BM2 de 217 m² para 238 m², e nas BM3 de 325 m² para 350 m². É de esperar agora um maior rigor no cumprimento deste programa.

A quantidade e a formação especializada do pessoal é, no nosso entender, o aspecto que carece de maior atenção se queremos rentabilizar as potencialidades deste serviços, considerando que é nestas idades que se desenvolvem ou não as capacidades de utilização das bibliotecas e de informação e da formação ou não de leitores. É esmagadora a opinião de que o pessoal é insuficiente e são graves as consequências que daqui resultam. Na maioria dos casos o pessoal existente não está a tempo inteiro nesta secção e é composto maioritariamente por técnicos-adjuntos sem formação específica no trabalho com crianças.

Deve ser sublinhada a indicação das "Linhas orientadoras" da IFLA que apontam para a nomeação de um bibliotecário para este sector, pelo menos quando na biblioteca haja mais do que um. Efectivamente o trabalho com as crianças é muito mais exigente do que pode parecer à primeira vista. Para além de requer características individuais que facilitem a relação com as crianças, exige conhecimentos especializados em campos como a literatura para crianças, psicologia do desenvolvimento e mesmo de certos aspectos pedagógicos.

Se é verdade que os recursos humanos são essências nas organizações, não é menos verdade que uma biblioteca não pode cumprir as suas missões se não dispuser dos necessários fundos documentais. Grande parte das bibliotecas, apesar de já estar em funcionamento há alguns anos não atingiu ainda o fundo mínimo previsto para a sua abertura. Não nos debruçamos sobre as razões que levam a esta situação, mas esta é sem dúvida uma das perguntas mais pertinentes e interessantes a que só uma investigação mais pormenorizada poderá dar resposta. Iguamente será interessante procurar saber porque o suporte digital ainda está tão afastado da maioria dos nossos sectores infanto-juvenis.

O tratamento documental obedece genericamente às recomendações da IFLA e este é talvez o aspecto de maior conformidade deste sector com essas orientações, manifestando os profissionais uma grande consciência das vantagens da integração dos catálogos, da normalização e da coerência com o trabalho técnico do conjunto da biblioteca.

Não deixa de merecer atenção o facto de aproximadamente metade das bibliotecas não disponibilizar qualquer elemento de tecnologia da informação nestes sectores. Se tivermos em consideração as recentes recomendações do estudo "*Public Libraries in the Information Society*" poderemos compreender a necessidade de desenvolvimentos significativos neste campo.

Uma conclusão particularmente significativa e segura deste trabalho é que as nossas bibliotecas mantêm na sua quase totalidade estreitas relações de colaboração com as comunidades educativas, desenvolvendo intensas actividades de cooperação, disponibilizando apoios especiais e incentivando e apoiando as bibliotecas escolares. Este é um aspecto que merece ser realçado pois representa a capacidade da biblioteca pública de se abrir ao meio e com ele se relacionar.

As actividades de promoção são feitas com grande regularidade e atingem largas camadas da população infantil e juvenil. A hora do conto é uma constante nas nossas bibliotecas bem como as oficinas de expressão e encontros com escritores. Este é no entanto uma aspecto da nossa investigação que só pode ser devidamente esclarecido com uma investigação mais pormenorizada, pois há muitas perguntas para as quais não pudemos obter respostas. Por exemplo qual é a importância real destas actividades na promoção da utilização dos fundos? Como é que a escassez de pessoal e as características da sua formação influencia a eficácia destas actividades? Qual é o significado real e os resultados da educação dos utilizadores?

Os sectores infanto-juvenis são sem dúvida uma característica essencial das novas bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas. Eles marcam uma diferença essencial em relação às bibliotecas que eram dominantes até há dez anos atrás e a importância do seu trabalho tem sido reconhecida pelas populações, e particularmente pelos pais e educadores. Arriscar-nos-íamos a dizer que - quer por este reconhecimento quer pelo que resulta das recomendações internacionais, nomeadamente as da IFLA - eles são quase metade da biblioteca pública. Urge pois dedicar-lhes ainda mais atenção, dotá-los de mais e melhores recursos, promover o estudo e a investigação permanente sobre as suas características e o seu significado para o desenvolvimento das gerações mais jovens e, em última análise, do próprio país. Afinal não podemos esquecer-nos que a educação foi elevada à condição de paixão por alguns dirigentes políticos em todo o mundo e como dizia Fernando Pessoa "o melhor do mundo são as crianças".

Bibliografia

- BELL, Judith - *Como fazer um projecto de investigação*. Lisboa : Gradiva, 1997
- A BIBLIOTECA PÚBLICA E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO : SUMÁRIO. "Biblioteca pública", Setúbal, Vol.1, 2, Verão 1997
- DEWE, M. (1995). *Planning and designing libraries for children and young people*. London. Library Association
- CALIXTO, J. A. (1994). "Experiências de trabalho de bibliotecas municipais com alunos das escolas". In EDUCAÇÃO, COMUNIDADE E PODER LOCAL, Viana do Castelo, 1994 - *Educação, comunidade e poder local : actas do seminário realizado em 6 e 7 de Dezembro de 1994, no Auditório do Instituto Politécnico de Viana do Castelo*. Lisboa : Conselho Nacional de Educação, 1995, pp. 191-204
- ELKINS, Judith - *Focus on the child*. Londres : Library Association, 1996
- FASICK, Adele M. - *Pautas sobre servicios en las bibliotecas para niños*. Haia : IFLA, revisto 1993
- FIGUEIREDO, F. E. & SOUSA, M. A. (1992). "A biblioteca pública e a escola : que cooperação?" In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 4, Braga, 1992 - *Informação, ciência, cultura : bibliotecas e arquivos para o ano 2000 : actas*. Braga : BAD, 1992, vol. 1, p.589-597
- INVESTING IN CHILDREN : THE FUTURE OF LIBRARY SERVICES FOR CHILDREN AND YOUNG PEOPLE. London : HMSO, 1995
- INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA) - *Guidelines for public libraries*. 3rd ed. Paris : K. J. Saur, 1986.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA) - *Guidelines for library services for young adults*. Haia : IFLA, 1996
- LIVRES ET BIBLIOTHEQUES POUR ENFANTS : GUIDE DE FORMATION. Paris : Cercle de la Librairie, 1985
- MOURA, Maria José (coord.) - *Leitura pública : rede de bibliotecas municipais*. Lisboa : Secretaria de Estado da Cultura, 1986
- MOURA, Maria José (coord.) - *Plano de apoio às bibliotecas municipais : relatório complementar*. Lisboa : Secretaria de Estado da Cultura, 1987
- MOURA, Maria José (coord.) - *Relatório sobre as bibliotecas públicas em Portugal*. Lisboa : [Ministério da Cultura], 1996 (Exemplar dactilografado)
- PORTUGAL. Instituto Português do Livro e da Leitura - *Programa de apoio às bibliotecas municipais*. Lisboa : IBL, 1989
- PORTUGAL. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro - *Programa de apoio às bibliotecas públicas*. Lisboa : IBL, 1997
- UNESCO - *Manifesto da UNESCO sobre bibliotecas públicas*. 1994

